

Andrés Rascovsky*

Sobre o humor

Nossas vidas, que não podem eludir o mal-estar que a cultura nos impõe, com suas impossibilidades, seus sofrimentos, perdas e limites, incluindo seu próprio fim, criaram uma estratégia de alegria. O humor é uma conquista suprema e talvez testemunho exclusivo da condição humana.

O humor é secretado pela inteligência, é um ignorar sabendo. A negação como recurso defensivo nos permite saber e desconhecer os abismos da dor. Rirmos da morte, adormecer a tragédia, adoçar a mais triste realidade.

Um núcleo de alegria primária, fruto privilegiado de fragmentos da infância, nos permite reencontrá-la e nos instalarmos brevemente nessa realidade intrapsíquica e negar a realidade imediata, regressão a serviço do ego ou da vida.

Aristóteles nos fala dos humores e alude à alegria como a eficaz presença de Baco, o Deus do vinho. Zeus teria se apaixonado por uma mortal, Selene, a quem engravida transformando-se em uma chuva de ouro que atravessa a jaula em que ela estava presa. Ela o compromete a mostrar todo seu esplendor, e em consequência disso, morre, já que a grandeza de Zeus não pode ser suportada por humano algum. Zeus ama esse filho, retira-o do ventre materno e o aloja em sua coxa; dá-lhe um lugar em seu corpo, é parte dele, de sua vida. Baco – ou Dionísio – foi concebido na coxa de Zeus, filho de um pai que era o Deus mais po-

deroso. Baco presenteou a humanidade com o vinho, que amortece a tristeza. Embriagar-se – com vinho e outras intoxicações – nos aproxima da noção de mania, como uma intensa defesa contra a dor e a depressão subjacente.

A mania guarda uma relação com o humor. Sua estratégia defensiva é uma atitude onipotente, que levanta voo acima dos prejuízos e mal-estares cotidianos, e nega a dor e a morte.

Ao ser um filho de Zeus – também chamado de Júpiter –, Baco está próximo ao ideal de potência e superioridade, nada o afeta em seu estado de embriaguez. Aquele que tem sorte na vida é denominado “Né de la cuisine de Jupiter”¹.

O humor se sustenta naquele núcleo de onipotência onde éramos parte de um Pai todo-poderoso ou de uma mãe grandiosa (identificação primária).

É o humor, o cômico, o chiste, o riso o presente dos Deuses que nos faz humanos e nos concede uma margem de alegria na vida?

É um território psíquico, produto de um Pai imaginado onipotente que nos gesta em sua coxa e nos protege; podemos então brindar, nos embriagarmos de vida e acreditar estarmos protegidos de muitas turbulências do Destino.

A alegria, o bom humor são um estado de negação e desmentida de um sofrimento cruel que é sabido, mas adiado.

Alguns têm a habilidade ou o recurso conseguido na infância de possuir bom humor, que parece gerado nessa identificação primá-

ria com um Pai imaginado todo-poderoso, mas atualmente uma grande maioria humana recorre quase diariamente a um espaço maníaco, gerado por uma adequada dose de álcool, maconha, cocaína e outras intoxicações. Estratégias que cancelam brevemente a consciência de uma realidade dolorosa.

O chiste – verbal ou gráfico, cômico ou irônico – é diferente: o chiste nos surpreende. Produz em nós uma emboscada inconsciente. Esse fragmento de múltiplos significados hipercondensados produz um deslizamento a um sentido novo e faz com que se filtre na consciência uma verdade oculta, escondida, evitada, indesejada, urticante ou reprimida, e assim, nos alivia.

A verdade não tem remédio; subitamente a descobrimos, adquire significado e nos poupa o esforço de adoçar a realidade que imaginamos ou que tentamos sustentar.

Uma pujante energia reprimida nos faz explodir em uma gargalhada alegre e nos desenha este sorriso vital. Zombamos da realidade convencional, de suas fachadas, de seus cenários, suas cenas adoçadas, disfarces e farsas; rimos de nós mesmos, nos revelamos desajeitados e contraditórios, iludidos e modestos, infantis e míseros.

Depois da intoxicação da realidade cotidiana, nos encontramos com o chiste de um amigo ou a sutileza de um versado que nos desintoxica das misérias vividas. Por um instante, uma fração de tempo, um sorriso de forma humana nos acompanha para dissipar o esforço da adaptação à vida, o de manter o trabalho, o casamento, o amor, a amizade ou o sistema de crenças, mais ou menos compartilhadas.

O humor, o cômico, a terna ironia, a afiada agudeza nos liberam; o humor, pode ser crítico, corrosivo e inteligente, mas também é um canto à liberdade, um escudo ao mal-estar e a dor cotidiana.

Recomendo aos psicanalistas, que sendo arqueólogos do trauma, especialistas no sofrer oculto e continentes de projeções potencialmente tóxicas, possam encontrar o humor, sustentar a alegria, ter acesso ao chiste e à

comicidade vitalizante, e exercer diariamente um conglomerado de inteligência que sufoque o sofrimento; conseguir uma encantadora perspectiva que nos devolva o ânimo necessário para poder continuar com o trabalho, este que também vive do humor, e que assim, nos permita reconhecer a realidade psíquica sempre associada ao trauma e à castração.

A vida e nossa ocupação é também, muitas vezes, uma impossibilidade, é assintótica, um oximoro, uma infinita aproximação à tentativa de sustentar o humor e a alegria, e de valorizar esta única oportunidade de viver. Champport considerava uma perda irre recuperável aquele dia em que não tinha rido.

O humor é uma posição subjetiva que tolera as insuficiências e misérias, e não deixa que nos limitem a alegria de viver. Por outro lado, o cômico tem relação com o inesperado, com a surpresa, é “contra” repressivo. Nesse sentido, é subversivo; Mark Twain expressava: “O ser humano tem uma arma eficaz: o riso”.

Podemos zombar de nós mesmos, zombar da vida e exercer certo sadismo, também na zombaria aos outros. Um texto consciente pode criar o sorriso, a ternura, a exposição de curiosos relatos, de fatos surpreendentes, singulares, que beiram ou expõem algo da felicidade de uns ou outros, nos alegram, nos reconciliam com a vida, nos deixam contentes. Mas o efeito de comicidade penetra, mais bruscamente, é inesperado; é surpresa e é profundo, coloca em xeque de forma imediata a consciência, e em uma imagem e um texto condensa uma significação inconsciente reveladora. É a ponta de um iceberg que nos impõe uma segunda reflexão, às vezes tão vasta como o caudal submerso do iceberg.

Marco Marcial, poeta latino do século I, expressava: “Se és sábio, seja alegre”. E John Ray revelava: “A alegria compartilhada é uma alegria em dobro”.

Em nossos países latino-americanos, apesar da dor, sejamos sábios e mantenhamos a alegria. Como expressou Groucho: “O riso é uma coisa muito séria”.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. “Nascido da coxa de Júpiter”.